cional para a educação infantil. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DERDYK, E. Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil. 2. ed. São Paulo : Scipione, 1994.

GREIG, P. A criança e seu desenho: o nascimento da arte e da escrita. São Paulo: Artmed, 2004.

JUNIOR, João Francisco Duarte. Por que arte-educação. 8 ed. São Paulo:

Papirus, 1996.

LOWENFELD, V.; BRITTAIN, W. L. Desenvolvimento da capacidade criadora.

Trad. de Álvaro Cabral. São Paulo: Mestre Jou, 1997.

MÉREDIEU, F. de. O desenho infantil. Trad. de Álvaro Lorencini e Sandra M.

Nitrini. 10 ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

MOREIRA, A. A. A. O espaço do desenho: a educação do educador. 8. Ed.

São Paulo: Loyola, 1999.

NARDIN, Heliana Ometto; FERRARO, Maria Rosângela. Artes Visuais na contemporaneidade: marcando presença na escola. In: FERREIRA, Sueli. O ensino das artes: construindo caminhos. Campinas, SP: Papirus, 2001. p. 181-224.

PARRAMON, J. M. Fundamentos do desenho artístico. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

PORCHER, L. Educação artística: luxo ou necessidade? Trad. de Yan Michalski. São Paulo: Summus, 1982.

SANS, P de T. C. Pedagogia do desenho infantil. 2. ed. São Paulo : Átomo, 2007.

SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. 23 ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

O CONTEXTO DA ARTE NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZADO

ROSANGELA BARBOSA SILVA

RESUMO

Este artigo apresenta a problemática sobre as concepções técnicas de arte que são fundamentais para as práticas pedagógicas dos professores de arte bem como a disciplina citada como componente do Currículo do Estado. O objetivo deste trabalho é elencar os conceitos, as funções e as metodologias da arte como disciplina a ser ministrada nas escolas de Ensino Fundamental e Médio, identificando critérios pelos quais os professores podem abordar para articular os saberes bem como as práticas do conhecimento em arte, estabelecendo uma concepção entre a matéria e o método de orientação e mediação para o ensino da arte na contemporaneidade. Como método para elaborar este feito, foi classificado um trabalho de pesquisa bibliográfica contando com renomados autores a fim de tratar o assunto com clareza e objetividade. A conclusão do artigo se deu que, através da revisão bibliográfica conseguiu-se abordar o assunto com objetividade e apresentar que as metodologias e concepções em relação ao ensino da arte nas escolas foi

bem estipulada quanto às formas de linguagens artísticas abordadas em sala de aula bem como o entendimento do aluno que corrobora para tal realização no processo de ensino aprendizagem. Desta forma, foi possível identificar que o conceito que sustenta as práticas de ensino, em relação à disciplina de arte, se engloba entre as tendências tradicionais bem como as tendências socioconstrutivista, predominando e transformando-as para a era da contemporaneidade.

Palavras-chaves: Arte no Ensino, Ensino Médio. Concepções.

1. INTRODUÇÃO

As transformações de conceitos e metodologias em relação ao ensino da arte vem sendo um grande desafio para os docentes da área, pois tais transformações são fundamentadas por meio de ideias politizadas, as quais determinam as tendências do meio pedagógico e imprime concepções sobre a função da arte no âmbito escolar como também no meio social.

Na área escolar, o pressuposto de que o viver artístico está relacionado ao que diz respeito ao prazer recreativo ainda se predomina, porém se percebe que há tentativas de quebrar tal paradigma em relação a este pensamento do ensino. Contudo, na sociedade, a arte é vista como algo elitizado e que se vincula as obras eruditas bem como universais pertencente à cultura ocidentalizada.

A concepção, moderna com conhecimento racional, propõe uma divisão entre o racional e o sensível, a emoção e a razão, a arte e a ciência. No âmbito escolar, este desmembramento é considerável, já que o processo de educação se deu e se dá no sentido de medicação de conhecimento com objetivo de forma racional e universal, sendo a arte tida, em quase todas as escolas, somente como ações lúdicas tendo como objetivo a experiência artística e o prazer tido pela forma recreativa em que foi passada a atividade.

Os professores, quando atuante do ensino regular e sendo parte da formação educacional dos cursos de arte a luz de um conceito pré-estabelecido no início da reforma da educação em 1971 que diz respeito à prática como também a polivalência, se deparam com percepções de metodologias como tecnicista, tradicionalista, escolanovista e a mais popular, Abordagem Triangular que não se trata de uma fórmula com passo a passo, mas de uma proposta em corroborar o momento histórico contemporâneo.

Por compreender a arte como uma fonte de conhecimento do ser que não deve ser negado na escola, é cabível compreender como o ensino aprendizado acontece no trabalho do professor em relação às escolhas dos métodos utilizados e em quais concepções eles são fundamentados.

2. A ARTE E SEU CONCEITO

A palavra arte manifesta muita curiosidade e historiadores artistas, intelectuais e populares almejam em várias formas um conceito para a arte. Mas, a resposta para tal busca se dão muitas vezes contraditórias, divergindo-se as respostas uma das outras, porém todas em prol as suas limitações e especificidades delimitam a arte, sabendo a identificação

de produções referente à cultura a qual vivenciam como sendo objetos de arte.

Uma das palavras que se dá como menos definíveis na história em relação ao pensamento é a palavra arte, e essa dificuldade acontece por conta da arte ser considerada metafísica, contudo também é tida como fenômeno orgânico, uma vez que desde o início de seu feito há o ato de envolver quanto aos processo do pensamento, percepção como também das ações corpóreas. (READ, 2001).

Wollheim (1993), a fim de encontrar um conceito de arte a definiu como o somatório ou a total das obras de arte, mas, a diante, formam-se outras questões como, por exemplo, o que seria uma obra de arte. Para esta questão, cabe dizer que uma obra de arte trata-se de uma pintura, um poema, entre outros, mas a partir de então nasce novas questões como, por exemplo o que se dá por pintura ou por poema e assim sucessivamente.

Da mesma forma que não se pode chegar a um conceito único conforme foi definido por Wollheim (1993), em relação à definição de arte como exemplos claros do que seriam os derivados de arte, Pareyson (2001), elenca um conceito tradicional quanto à história do pensamento, mas não se limita a uma única definição e sim em um agrupamento de três dimensões classificadas em:

- Fazer
- Conhecer
- Expressão

Segundo Pareyson (2001, p.22), "Essas concepções, decorrentes da história, ora se contradizem, ora misturam-se e aliam-se e são caracterizadas de acordo com um período da história".

Segundo Gombrich (2008), não há nada que realmente possa levar o nome de arte, o que existe são artistas ao mesmo tempo em que, não há como deter um conceito unitário para a arte. Faz-se comum a qualquer definição em decorrência da forma, ou seja, o aspecto assumido seja de poesia, pintura, dança, música, entre outros.

De acordo com Read (2001), as formas dadas por um indivíduo sendo um poeta, um pintor ou até mesmo os que realizam formas a tipos de vestuários como sapatos, roupas, móveis, são tidas como artísticas, pois nas classificações dos artistas existem modos e graus, mas são as pessoas que moldam algo.

2.1 FUNÇÕES

Dado o motivo de fazer arte e para que utilizá-la é o que se dá como função da arte. Ao criar objetos, o homem buscou satisfazer e até mesmo superar as necessidades próprias, então o ser humano desenvolveu a arte como forma de vida fazendo com que se ampliasse a percepção para com a sua realidade.

Entretanto, a arte nem sempre foi tida com o mesmo resultado durante a história enquanto pensamento da humanidade. Sua essência buscou atender certos fins de acordo com cada época, transformando-se conforme as mudanças culturais e sociais conforme os ideais característicos da era.

A função pragmática ou dada também como utilitária é a primeira a qual a arte possuía outros objetivos não sendo valorizados os meios artísticos, servindo a fins esternos a ela como a história, a religião e a política, sendo sua função destinada a fins determinados.

Segundo Aranha; Martins (1993), com a finalidade no meio pedagógico, a arte é usada pela Igreja Católica na Idade Média, com o intuito de ensinar as questões segundo o catolicismo e também para descrever as histórias constantes na bíblia através da arquitetura com as grandes formulações de catedrais.

Ainda com forte influência dada pela igreja, na era da Contra-Reforma, a arte passa a assumir grande função na religião, pois objetiva-se causar emoção nos seguidores perante a grandeza e riqueza dos céus por meio do que era pintado como arte, dado, como exemplo, a cena do juízo final de Miguelângelo na parte de cima da Capela Sistina, em uma tentativa de fidelizar o povo no catolicismo e tentar bloquear o avanço do povo protestante. ((ENGELMANN, 2008).

Segundo Engelmann (2008, p. 62),

Era comum as obras demonstrarem o sofrimento de pessoas no inferno e a crueldade dos demônios. Tais cenas aterrorizavam os fiéis, fazendo com que parte deles permanecesse no catolicismo, em vez de se converter aos ideais protestantes, que ganhavam mais adeptos (ENGELMANN, 2008, p. 62).

Em outra perspectiva, se encontra a função naturalista a qual a arte é tida como um espelho a refletir uma realidade. Isto teve início na Grécia no século V a. C., continuando na área ocidental até o século XX quando, então, começou a surgir a fotografia.

Com particularidades em relação a essa tendência, o imitar e copiar a realidade, o ser humano teria de pintar a natureza da forma mais perfeita possível. Como outra característica, a arte é dada como formalista, se referindo à forma de demonstração da obra, contando com suas linguagens expressas

dicotomicamente e contribuindo de forma decisiva ao que ela significa, objetivandose em vislumbrar os princípios bem como a intenção dada por quem a elabora.

Os conceitos e recursos da obra não são incomuns na área artística e regem relações entre si, independentemente do modo da obra sendo escultórica, pictórica, musical, teatral, etc., pois são os fundamentos que estabelecem a organização interna em relação à obra bem como os elementos utilizados para compor.

De acordo com Aranha e Martins (1993, p. 351), “todos comportam uma estruturação interna de signos selecionados a partir de um código específico”. Então, existe a valorização dos conceitos estéticos formais beneficiando a vivência estética que tem como objetivo desenvolver o lado sensível, ou seja, desenvolver os sentidos, o ato de perceber o concreto que estão a volta, estimulando a capacidade de apreciar.

Este é o papel da arte que importa para a educação que, segundo Barbosa (2008, p. 99), “A arte como linguagem agu-

çadora dos sentidos transmite significados que não podem ser transmitidos por meio de nenhum outro tipo de linguagem". A autora classifica o dito se referindo à importância do olhar sensível como instigadora dos sentidos bem como da experiência através das muitas formas artísticas de se expressar.

2.2 MÉTODOS NO CONTEXTO HISTÓRICO DO BRASIL

Uma função essencial do ser humano, assim é tida a arte. A educação, como forma para definir a humanidade é o centro de diálogos em relação às influências bem como as concepções que fizeram parte na mediação da arte histórica, política e educacional no Brasil a partir da colonização perdurando até a contemporaneidade. Barbosa (1989) relata que, o processo educacional do país é descrito na história por depender dos sistemas de educação de estrangeiros sendo portugueses, norte-americanos, britânicos, entre outros, sendo uma abordagem de vivências tidas do exterior.

Com responsabilidade pela educação no Brasil por mais de duzentos anos, mais precisamente do ano de 1549 a 1808, os padres jesuítas cooperaram de forma decisiva durante a colonização, tendo dominado o local com missões e escolas.

Os padres também, junto com a catequese, formavam lares e colégios deixando a marca cultural quanto à educação dada pelos jesuítas no país ainda colônia, o qual foi desenvolvido um modo de ensino artístico determinado pelas oficinas de artesãos.

No Brasil, enquanto império, perante uma nova ordem que apontava a vigência em relação a uma organização do mundo decorrendo-se dos ideais da democracia e também da Revolução Francesa juntamente com a situação de um país se caracterizando como um recomeço político visando a separação de Portugal, o ensino de arte foi metodizado por duas épocas históricas, sendo elas a chegada da corte de D. João VI e a queda de Napoleão, isto motivava a quem seguia Bonaparte a esquecer a França.

Sendo assim, a Missão Francesa chega ao Brasil junto com diversos artistas com um novo método de arte o qual substitui o Barroco do Brasil pelo neoclassicismo, intervindo fortemente na transformação do padrão estético do País. O Barroco era tido como do povo enquanto o neoclássico se tornara símbolo de diferenciação social.

Então, o Barroco, dado por artesãos em próprias oficinas, particularizado pela forma de aprendizagem por meio do trabalho, é trocado por exercícios de modo formal, requeridos pelo neoclássico ora tido pelas academias.

Com a política republicana instalada no Brasil marcado pelas guerras e também pela queda da Monarquia dada no ano de 1889, relações significativas são estabelecidas no país com os Estados Unidos.

De acordo com Barbosa (1978), os indivíduos da política tendo influência do liberalismo na américa como também do positivismo da França, levaram a formulação de leis novas em relação à educação, tendo incluso o desenho de

forma geométrica no currículo, o qual se objetivava o desenvolvimento da racionalidade e não como fins de instauração do conhecimento para indústria como era proposto. Mesmo assim, cabe dizer que o ensino enquanto da Geometria já havia atingido uma importância no século XIX, antes mesmo das primeiras formas influenciáveis no que diz respeito à doutrina positivista.

Dada as influências de ideais nas políticas da educação, as diversas ideias pedagógicas vão se formando no mundo do ensino da arte dispondo das disciplinas de desenhos bem como dos trabalhos realizados manualmente, da música, entre outros no que era estabelecido nas escolas até o meio do século XX, sobrepondo conteúdos e colocando valor na arte como forma de se expressar.

Segundo Brasil (2006), as transformações no que diz respeito ao ensino de arte no Brasil são tidas sob a emancipação educacional, a qual resulta da abertura política, econômica e social nos anos de 1958 a 1963 sob a Lei nº 4.024/61em que foram estabelecidas diretrizes para a política da educação e determinado novas concepções para a proposta do currículo.

Com o novo formato, a educação da arte passou a ser tida como Educação Artística, sendo, então, parte da área que corresponde à comunicação e expressão, sendo a inclusão desta disciplina obrigatória nas escolas.

É na década de oitenta que surge traços novos, desenhados para ensinar arte no Brasil, sintetizada pela política dos educadores de arte que acompanha a forma democrática exercida pelo país.

A elaboração bem como o fortalecimento de educadores e pesquisadores aumentaram as concepções de métodos sobre o processo de ensino aprendizagem em arte no Brasil, o que contribuiu para consolidar as áreas que investigam as artes enquanto visuais, dança, teatro e música, dando ênfase para a formação de educadores e no ensino em relação às linguagens da arte em muitas instituições de ensino.

Segundo Brasil (1996), no ano de 1996, se estabelece a Lei nº 9.394 a qual estabelece que a arte como ensino e que se trata de um componente obrigatório no currículo, abordando todos os níveis da educação básica para promover o crescimento da cultura nos alunos.

2.3 NASCE UM MÉTODO DE ENSINO

De acordo com Barbosa (1994), surge um novo olhar para o ensino de arte mediante a superar conceitos como, por exemplo, a questão de que a arte somente é vista como forma de expressar, de se ter um lazer ou como formas herdadas do tradicional, pois existem mudanças de conceitos e da forma metodológica para com o ensino da arte para o cognitivo oriundo das conversas referente à educação no começo dos anos 80 nascendo uma nova forma para o ensino no Brasil, sento esta a Abordagem Triangular.

Sistematizada em três eixos, ensinar arte envolve a leitura de imagens (apreciação), a contextualização a partir das condições estéticas da contemporaneidade e a criação (produção/fazer).

Frente ao mundo cheio de imagens, com a tecnologia avançando na

elaboração e na reprodução de imagens, a questão do alfabetizar visualmente vem consolidando a importância no que diz respeito ao papel da disciplina de arte na escola.

E, segundo Barbosa (1994, p. 34),

Temos que alfabetizar para a leitura da imagem. Através da leitura das obras de artes plásticas estaremos preparando a criança para a decodificação da gramática visual, da imagem fixa e, através da leitura do cinema e da televisão, a prepararemos para aprender a gramática da imagem em movimento.

A contextualização é criar relações entre o artista e a obra de arte no espaço e tempo, fazendo explorar as conjunturas sociais, culturais e políticas conforme o contexto histórico.

Segundo Rizzi (2003, p. 69),

Ao contextualizar estamos operando no domínio da História da Arte, e outras áreas de conhecimento necessárias para determinado programa de ensino. Assim, estabelecem-se relações que permitam a interdisciplinaridade no processo ensino aprendizagem.

Segundo Barbosa (1998), a questão do fazer artístico, como terceiro eixo, é a arte expressa através do trabalho, é o expressar enfatizando a percepção, a imaginação que cria, a fantasia, probabilizando o desenvolvimento do próprio processo de criação.

Ainda segundo a autora, ao compreender o fazer como ato essencial do pensar bem como da linguagem da arte, entende-se como resultado do interpretar e representar de forma pessoal que está interligada ao ato de ler e contextualizar a obra dada como arte.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo permite visualizar a evidencia de que o ato de ensinar arte nas esferas escolares se encontra focado em ações vinculadas ainda de acordo com o lazer, a livre expressão, a ornamentação, as habilidades manuais com os métodos tradicionais.

Os métodos usados se concentram na questão do fazer artístico, ficando distante do conceito de arte como parte do que integra o conhecer, o fazer e o expressar. Desta forma, é possível constatar que o âmbito escolar ainda se apresenta como uma área que consegue resistir a mudanças.

A arte pode ser vista com apreço, quando necessário, para celebrar festividades como, por exemplo, o fim do semestre na escola em que o educando é solicitado a demonstrar suas competências e habilidades nas confecções de objetos bem como na elaboração de coreografias para danças, rimas para músicas e poesias a serem citadas, sem que esteja definitivamente maduro com a matéria desenvolvida no semestre.

Juntamente com essas atividades que não colaboram para a construção satisfatória da concepção da arte, os profissionais da educação acabam que utilizam somente dos recursos disponíveis do momento.

Como visto a arte deve considerar fatores cognitivos abrangendo a criação e

desenvolvimento do ato de se expressar e se comunicar, e isso deve acontecer de uma maneira clara e objetiva focando nas competências e habilidades que tem de ser trabalhadas com o aluno.

Para isto fica evidentemente claro que, a atualização com possíveis cursos, palestras, encontros, entre outras formas de se aperfeiçoar, são altamente necessários para que haja uma transformação para com a formação dos alunos subsequente da consciência do papel do processo de ensino aprendizagem de arte no âmbito escolar, ressignificando a ideia do professor e o modo de aprendizagem do aluno.

Portanto, este trabalho procurou elencar as concepções técnicas de arte que são fundamentais para as práticas pedagógicas dos professores de arte bem como a disciplina citada como componente do Currículo do Estado, sendo possível foi possível identificar que o conceito que sustenta as práticas de ensino, em relação à disciplina de arte, se engloba entre as tendências tradicionais bem como as tendências socioconstrutivista, predominando e transformando-as para a era da contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. A; MARTINS, M. H. P. M. 1993. Filosofando: introdução à filosofia. 2ª ed. São Paulo: Moderna.

BARBOSA, A. M. 2008. Dilemas da arte/educação como mediação cultural em namoro com as tecnologias contemporâneas. In: BARBOSA, A. M. (Org). Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. 1998. Tópicos utópicos. Belo Horizonte: C/Arte.

_____. 1994. A Imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos. 2ª ed. São Paulo: Perspectiv.

_____. 1989. Recorte e colagem. 2ª ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados.

_____. 1978. Teoria e prática da educação artística. 2.ed. São Paulo: Cultrix.

BOGDAN, R. C. & BIRTEN, S. K. 1994. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Editora Porto.

BRASIL. 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96. Brasília: MEC.

ENGELMANN. 2008. Ademir Antônio. Filosofia da Arte. Curitiba: Ibpex.

GOMBRICH, E. H. 2008. A história da arte. Trad: Álvaro Cabral. 16ª ed. Rio de Janeiro: LTC.

MINAYO, M. C. S. 2007. (org). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 26ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

PAREYSON, L. 2001. Os problemas da estética. Trad: Maria Helena Nery Garcea. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes1.

READ, H. 2001. A educação pela arte. São Paulo: Martins Fontes.

RIZZI, M. C. S. 2003. Caminhos metodológicos. In BARBOSA, A. M. (org.) Inquietações e mudanças no ensino da arte. 2. ed. São Paulo: Cortez.

WOLLEIM, R. 1993. A arte e seus objetos. Trad: Marcelo Brandão Cipolla, São Paulo: Martins Fontes